

LUANA DE OLIVEIRA CANDIDO

Produto Educacional: Práticas circulares como dispositivo para o diálogo

São Paulo

2024



CC-BY-NC-SA: esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

LUANA DE OLIVEIRA CANDIDO

Produto Educacional: Práticas circulares com ferramenta para o diálogo

Produto educacional resultado da dissertação “As potências – dos saberes e das práticas – do Mestrado Profissional ‘Formação Interdisciplinar em Saúde’ da USP” apresentada à Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, Programa de Mestrado Profissional Interunidades Formação Interdisciplinar em Saúde. Faculdade de Odontologia. Universidade de São Paulo.

Orientador: Profa. Dra. Yara Maria de Carvalho

São Paulo

2024

RESUMO

O produto educacional, como resultado deste percurso de pesquisa, consiste na sistematização de círculos de construção de paz, pensadas a partir da justiça restaurativa e dos Círculos de Cultura, inspirados em Paulo Freire, com descrição de passo a passo, sugestões de perguntas a serem feitas, práticas para introdução ao tema, como um guia. A intenção é que essas práticas funcionem como dispositivos de aproximação entre as expectativas do MPFIS e os mestrandos que fazem parte do programa, no intuito de fortalecimento de vínculos.

PALAVRAS CHAVE: Círculo de Cultura. Círculo de Construção de Paz. Diálogos.

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Nos diferentes momentos desta pesquisa nos deparamos com rodas de conversa, encontros, oficinas, entre outras estratégias metodológicas de abertura de caminhos para o diálogo, as práticas em círculo são utilizadas com este objetivo. Em círculo nós conseguimos ver e dialogar com todos que o compõem, o que favorece as construções coletivas. Durante a trajetória desta pesquisa me aproximei dessas práticas como ferramenta de trabalho¹ e também pude me aproximar de pessoas que trabalham com círculos de conversa como estratégia de diálogo e resolução de conflitos e são fundamentadas na Justiça Restaurativa.

A Justiça Restaurativa é inspirada em práticas dos povos originários da região que hoje conhecemos como Nova Zelândia. Trata-se de círculos de conversa com diferentes propósitos, que podem ter função na resolução de conflitos ou no intuito de ampliar diálogos, sendo o primeiro conhecido como círculo de resolução de conflitos e o segundo como círculo de construção de paz. De modo geral, cada círculo é organizado por um facilitador e um co-facilitador, estes dois papéis têm a responsabilidade de pensar cuidadosamente no processo antes, durante e após o círculo, indagando quem são as pessoas que irão participar desta prática (se conheciam previamente? Trabalham juntas? Nível de instrução, entre outros), qual o tema central do círculo e quais práticas ajudam a entrar no tema a ser debatido.

Assim, para que o círculo ocorra de modo coerente, permitindo o debate e a reflexão, o grupo deve criar de maneira consensual diretrizes para a construção do debate; as primeiras questões devem trazer as perspectivas das pessoas que compõem a roda, por meio de uma história de vida. Cabe mencionar que nunca se deve começar pelo conflito; as perguntas devem ser abertas; o papel do facilitador se difere de um mediador de conflito, já que ele tem papel de cuidar do processo; ao final de cada círculo, devem ser

¹ Atualmente estou em um serviço de Práticas Integrativas e Complementares na região Sul de São Paulo e faço uso de práticas em roda e/ou círculos de construção de paz com os usuários como ferramenta de aproximação, para ampliar de diálogos sobre temas específicos (o que é saúde?; como cuidamos de nós mesmos no dia a dia; direito de acesso ao SUS; entre outros).

estabelecidos compromissos da pessoa com ela mesma ou com aqueles os quais compõem a cena de resolução do conflito, a partir da reflexão realizada no exercício da roda; e não se deve registrar o que é dito nas rodas, já que existe o pacto do sigilo e do exercício da oralidade.

Boyes-Watson e Pranis (2011) nos apontam que o círculo de construção de paz é acima de tudo um dispositivo para criar relacionamentos e tem como base teórica a inteligência emocional e a prática de atenção plena.

Ainda sobre as práticas em roda, Paulo Freire propõe o que ele chamou de “Círculos de Cultura”, que tem como estratégia a emancipação e construção de aprendizagens por meio de processos de conscientização costurados entre os saberes populares e científicos. Ele também propôs uma metodologia em três etapas: investigação, tematização e proposição. De modo semelhante aos círculos de construção de paz da justiça restaurativa, cada uma das etapas tem suas definições. A primeira, de investigação, são definidos os temas a partir das experiências dos participantes do círculo, abrindo espaço para que eles coloquem situações que estão vivendo. No segundo momento, os temas são problematizados e analisados por aquele que conduz o círculo de cultura permitindo a elaboração de uma visão crítica. A última etapa, de proposição, ocorre a tomada de consciência com objetivo da superação das contradições, ressignificando o contexto e proporcionando a ação– reflexão– ação (Rozal et al, 2023).

Para Paulo Freire, o facilitador do círculo de cultura tem papel na aprendizagem diferente do professor em sala de aula, à medida que ele propõe mobilizações e estímulos à participação daqueles que integram o círculo.

Rozal et al (2023), demonstra que os “Círculos de Cultura” tem emergido como uma possibilidade de Educação Permanente em Saúde e tem sido ferramenta importante para a construção de novos saberes, alinhados com a transformação da realidade, fortalecendo a reflexão crítica dos profissionais, refletindo sua práxis e sobre o modo de ver o trabalho em saúde.

A prática sistemática das rodas, com os mestrandos que entram no programa, com aqueles que qualificam e com aqueles que estão na etapa final do mestrado, tem o papel de acompanhar, cotidianamente, os ecos produzidos na vivência do mestrado, para além da pesquisa. As rodas podem ser conduzidas pelos atores que vivenciam ou já vivenciaram o programa, e, como

produto destas práticas inspiradas nos ensinamentos de Paulo Freire, é a partir da construção destes diálogos que poderemos pensar nos caminhos para o fortalecimento e vinculação ao programa.

2 OBJETIVO

Inspiradas nas práticas circulares citadas nesta introdução, o objetivo deste produto educacional é desenvolver estratégias de ampliação de diálogos entre o MPFIS e os mestrandos do programa, por meio de práticas circulares/em roda, tematizando o trabalho em saúde (prazeres, desejos e desafios), suas inspirações e inquietações relacionadas à pesquisa e expectativas quanto ao mestrado profissional.

3 ESTRUTURAÇÃO DO CÍRCULO DE CONSTRUÇÃO DA PAZ

Antes de dizer sobre elementos essenciais para a construção desses círculos, é importante destacar que não basta nos colocarmos em roda, é importante cuidar e planejar o processo, com intencionalidade, clareza quanto aos objetivos, humildade, disposição para lidar com as incertezas (não sabemos o que pode surgir), criatividade e escuta atenta.

Para que os círculos aconteçam, é preciso planejar— se previamente em relação aos seus elementos fundamentais. Este momento chamaremos de pré-círculo. No pré-círculo pensamos no cronograma do encontro com fundamentação e sentido em relação ao nosso objetivo.

Os círculos de construção de paz são compostos por alguns elementos que auxiliam os participantes a se aproximarem do tema, são eles: “objeto de fala”, “centro do círculo”, “valores e diretrizes”, “cerimônia de abertura” e “cerimônia de fechamento”.

3.1 O objeto de fala

O objeto da palavra é um equalizador poderoso. Permite que cada participante tenha igual oportunidade de falar e carrega o pressuposto de que cada participante tem alguma coisa importante para oferecer ao grupo. À medida que passa fisicamente de mão em mão, o objeto da palavra tece um fio de conexão entre os membros do círculo. O objeto reduz o controle do facilitador e, conseqüentemente, compartilha o controle do processo com todos os participantes. (PRANIS, 2011, p.15)

O “objeto de fala” é literalmente um objeto que deve ser entregue àquele que detém a fala naquele momento. Ele deve estar relacionado com o tema a ser abordado, por exemplo, em círculos em que o tema seja “autocuidado” podemos escolher algo que remeta a maioria das pessoas um momento de cuidado, como uma garrafa de água, uma bolsa térmica, ou ainda uma fruta, de acordo com o que os facilitadores escolherem, e tendo em vista os participantes do círculo.

Ele deve ser passado de pessoa em pessoa em volta do círculo, a pessoa que está com o objeto que detém a fala, o que permite a fala sem interrupção e leva a atenção dos outros participantes, facilitando a escuta coletiva.

3.2 Centro do Círculo

Assim como o “objeto de fala”, o centro do círculo deve estar relacionado com o tema a ser abordado, podemos iniciar nosso círculo explicando sua representatividade. Ele deve dar apoio a fala dos participantes, pode ser construído coletivamente ou trazido pelos facilitadores. Como exemplo de centro do círculo no tema “autocuidado” podemos representar em uma mandala palavras como “corpo físico”, “saúde mental”, “espiritualidade”, entre outros.

3.3 Cerimônia de Abertura

Este é o momento fundamental para marcar o início do encontro e antecede quaisquer atividades que serão realizadas durante o círculo de construção de paz. Um dos fundamentos da justiça restaurativa está baseada na “atenção plena”, para que todos estejam conectados com o momento presente, auxiliando na expressão de seus sentimentos e emoções, estar em conexão com os presentes no círculo e consigo, afastando distrações externas. No geral, na cerimônia de abertura realiza-se um exercício respiratório, com olhos fechados, analisando as sensações e emoções presentes naquele momento. Podemos utilizar outros elementos para compor este espaço, como uso da aromaterapia, som ambiente, meditação guiada, entre outras possibilidades.

3.4 Valores/Diretrizes

Esta sessão deve ser construída coletivamente em consenso com aqueles que compõem o círculo, com objetivo da construção do próprio espaço de discussão. São os acordos entre os participantes sobre como será conduzido o diálogo do círculo. Não são limites rígidos, deve promover a cultura de respeito àqueles que compõem o círculo e suas falas. No geral, os facilitadores auxiliam nesta construção, já que os mesmos também participam e respondem às questões levantadas. À exemplo de valores e diretrizes temos:

- Respeitar a fala do outro;
- Falar em primeira pessoa;

- Evitar constrangimentos;
- Não usar celular;
- Respeito ao sigilo (o que se fala no círculo, fica no círculo);
- Entre outras possibilidades.

É fundamental que os valores e diretrizes construídos estejam visíveis a todo momento em que o círculo esteja acontecendo, como um lembrete de nossos combinados.

3.5 Cerimônia de Fechamento

Tem relação com reconhecer a complexidade dos temas que foram debatidos e deve ser marcador do fim do encontro. Podem ser realizados alongamentos, respirações, representações corporais ou verbais daquilo que ficou do encontro para cada participante.

3.6 Pré-círculo

É o momento em que os facilitadores do círculo de construção de paz planejam o encontro e seu passo a passo. Devemos nos fazer algumas perguntas:

- Qual tema desejamos abordar?
- Quantas pessoas e quem irá compor o círculo? (mestrando que se conhecem e tem vínculo prévio? Ingressantes no programa? Professores do Programa?)
- Onde e quando o encontro acontecerá? (importante ressaltar que precisa— se reservar pelo menos duas horas para o círculo e que o sigilo é elemento importante para que todos sintam— se à vontade para expressar seus pensamentos e emoções)
- Qual será nosso “objeto de fala”?
- Qual será o foco do “centro do círculo”? Que apoio ele pretende sustentar à fala?
- Que pergunta (ou perguntas) será usada para iniciar o diálogo a respeito do tema a ser abordado?
- Caso o grupo não esteja se aprofundando o suficiente no tema, quais perguntas poderão nos apoiar para instiga-los?
- Qual será nossa cerimônia de fechamento?

Como já apontado anteriormente, os círculos devem ser compostos sempre por um facilitador e um co-facilitador. O facilitador é quem conduz o círculo, propondo as práticas e as perguntas, o co-facilitador tem papel de apoio nas estratégias de condução. Estes também participam do círculo, respondendo às perguntas e também realizando as atividades propostas.

4 ESTRUTURAÇÃO DO CÍRCULO DE CULTURA

De modo distinto dos círculos de construção de paz, o Círculo de Cultura desafia o facilitador e seu apoio à conduta democrática do círculo, pois este não necessariamente terá um objeto de fala. Como esboço do Círculo de Cultura, lançaremos mão de uma estratégia que engaje e traga a fala de todos à cena, desde que de maneira democrática e não constrangedora.

Inspiradas em Souza et al. (2021) que utilizou o Círculo de Cultura como ferramenta de investigação do ensino, pesquisa e prática da enfermagem, elas desenharam o esquema de uma árvore como base para aplicação da metodologia freiriana. Nesta pesquisa, elas dividiram as raízes no momento de investigação temática, o tronco da árvore como momento de “codificação/descodificação” e a copa da árvore como elaboração de estratégias (superação da visão mágica, como colocado por Freire). Nós utilizaremos a raiz como representação cultural (de onde viemos), o tronco como vislumbrar o percurso (onde estamos e onde desejamos chegar) e a copa da árvore como representação daquilo que desejamos colher desta experiência.

4.1 Objetivo

Por meio deste encontro, elaborar estratégias coletivas de superação dos problemas que emergirá do debate, a ideia é discutir o objetivo do Mestrado Profissional e o que se espera colher da experiência vivenciada dentro dele (podem participar docentes, coordenadores e os mestrandos).

4.2 Materiais Necessários

Filipetas de mesmo tamanho coloridas e canetinhas ou pincel atômico.

4.3 Abertura

Antes de entrar no debate, é importante apresentar o objetivo do encontro e fazer uma rodada de apresentação. Em seguida, sugere-se a realização de uma pausa, de olhos fechados e exercícios respiratórios – esta prática sempre nos auxiliará a estar presente na discussão.

4.4 Desenvolvimento do Círculo

No primeiro momento, distribuir as filipetas que representam as raízes desta árvore, uma para cada participante e solicitar que apresente ao círculo suas “raízes”, de onde eles vieram e suas referências (familiares, ancestrais, culturais). Em seguida, cada uma dos participantes deverá colocar ao centro do círculo suas filipetas, formando a imagem de uma raíz.

Em seguida, serão distribuídas filipetas com a cor correspondente ao tronco da árvore, onde deveremos descrever sobre nossa trajetória, de onde viemos e como chegamos aqui hoje. Após representar na filipeta este percurso, apresentar para o círculo e colocar ao centro do círculo, formando a imagem de um tronco de árvore.

O terceiro momento será de reflexão em torno daquilo que vislumbramos em relação a este caminho que planejamos e como coletivamente podemos contribuir um na trajetória do outro. Novamente, cada um dos participantes deverá apresentar para o círculo e colocar ao centro do círculo, desta vez formando a imagem de uma copa de árvore.

Esta dinâmica servirá de base para incentivar o debate em torno do Mestrado profissional e seus desdobramentos. Sugerimos que os facilitadores falem sobre a história dos Mestrados Profissionais e em seguida contar sobre a história do próprio Mestrado Profissional em Formação Interdisciplinar em Saúde. Guiando o debate em torno do contexto histórico do programa e os desafios futuros. A experiência daqueles que compõem o Círculo de Cultura deve contribuir para construção de estratégias de fortalecimento do próprio programa.

4 CONCLUSÃO

Este material tem como objetivo auxiliar no processo de canais de diálogo de maneira mais democrática e horizontal. Não é nosso objetivo que este seja um material rígido em seu uso. Esperamos que aqueles que acessarem este material sintam-se livres para adaptar o material de acordo com a realidade vivida, a partir de suas próprias experiências e com práticas que deseje propor ao coletivo que tem como curiosidade o trabalho em saúde.

REFERÊNCIAS

Boyes-Watson C, Pranis K., organizadores. No coração da esperança: guia de práticas circulares. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas; 2011 [E-book] [citado 16 de set. 2024]. Disponível em:

[https://sistemas.vilavelha.es.gov.br/cursos/Content/material/No%20cora%C3%A7%C3%A3o%20da%20esperan%C3%A7a%20-%20Pr%C3%A1ticas%20circulares%20Kay%20Pranis%20\(1\).pdf](https://sistemas.vilavelha.es.gov.br/cursos/Content/material/No%20cora%C3%A7%C3%A3o%20da%20esperan%C3%A7a%20-%20Pr%C3%A1ticas%20circulares%20Kay%20Pranis%20(1).pdf)

Pranis K. organizadora. Círculos de justiça restaurativa e de construção da paz: guia do facilitador. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas; 2011 [E-book] [citado em 18 de set. 2024]. Disponível em:

<https://www.mpmg.mp.br/data/files/16/17/27/34/65A9C71030F448C7860849A8/Circulos%20de%20Justica%20Restaurativa%20e%20de%20construcao%20da%20paz.pdf>

Rozal JF, Monteiro EMLM, Marinus MWLC, Santos TA. Círculo de Cultura e educação permanente para transformação da prática profissional: uma revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2023; 28(11): 3215-3229. doi: 10.1590/1413-812320232811.16782022

Souza JB, Barbosa MHPA, Schmitt HBB, Heidemann ITSB. Círculo de cultura de Paulo Freire: contribuições para pesquisa, ensino e prática profissional da enfermagem. *REBEn*. 2021; 74(1): 1-5. doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0626>